

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO – ECO

**OS BLOGS E A CRISE DO MENSALÃO
NOVOS PADRÕES NA COBERTURA POLÍTICA**

BERNARDO VIANNA DE MELLO FRANCO

RIO DE JANEIRO

2005

**OS BLOGS E A CRISE DO MENSALÃO
NOVOS PADRÕES NA COBERTURA POLÍTICA**

BERNARDO VIANNA DE MELLO FRANCO

INSTITUIÇÃO: UFRJ

**Monografia de conclusão de curso de
graduação em Comunicação Social,
habilitação Jornalismo, da Universidade
Federal do Rio de Janeiro – ECO/UFRJ**

**Orientador: Paulo Roberto Pires
ECO/UFRJ**

RIO DE JANEIRO

2005

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO – ECO

Os blogs e a crise do mensalão – Novos padrões na cobertura política
Bernardo Vianna de Mello Franco

Projeto experimental apresentado à Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Submetido à aprovação da Banca Examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof. Paulo Roberto Pires – Orientador

Prof. Paulo Roberto Gibaldi Vaz – Examinador

Prof. Maurício Durão Schleder – Examinador

18:06 - Deputado Sandro Mabel: "Se o senhor é macho pra mentir, eu sou macho pra contar a verdade".

18:26 - Caos generalizado.

18:30 - Um dos advogados do Roberto Jefferson é gaúcho.

Gaúcho é melhor em tudo.

18:35 - Planalto nega que José Dirceu tenha deixado a Casa Civil

18:47 - Raul Jungmann fala "OXALÁ".

18:56 - Chega, vou vomitar.

Postado por walter as 15:57

A Nova Corja. Sai daí, Zé!, 14 jun. 05

14/06/2005 | 13:57

Aos leitores deste blog no Congresso

Se esbarrarem em algo que pareça com uma notícia, postem aqui. Mas com detalhes, nomes, hora, etc e tal... Todo cidadão pode ser um jornalista - basta saber ver, ouvir e contar.

Enviada por: Ricardo Noblat

RESUMO

MELLO FRANCO, Bernardo. *Os blogs e a crise do mensalão – Novos padrões na cobertura política*. Orientador: Paulo Roberto Pires. Projeto Experimental (Jornalismo). Escola de Comunicação. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005, XX p.

O trabalho trata da participação dos blogs na cobertura da crise do mensalão e analisa as mudanças que essa ferramenta da internet provocou no noticiário político. Explica os princípios da tecnologia e relata estudos que descrevem os blogs como base do *jornalismo-cidadão*, em que “todo mundo é um repórter” e a notícia toma a forma de conversa entre o jornalista e o público. Com base na experiência internacional em crises como a invasão do Iraque, os atentados no metrô de Londres e os estragos do furacão Katrina, deverá verificar se os padrões do *jornalismo-cidadão* foram aplicados à cobertura do escândalo brasileiro. O trabalho analisa os blogs de Ricardo Noblat (iG/Estado de S.Paulo), Jorge Bastos Moreno (Globo Online) e Josias de Souza (Folha Online), além de diários virtuais independentes e de políticos profissionais.

SUMÁRIO

1 Introdução: Como os blogs mudaram a cobertura política	7
2 De diário virtual a fonte de informação	11
2.1 A língua dos blogueiros.....	14
2.2 Contato direto com o leitor	17
2.3 Isso é jornalismo?	22
3 Crise em tempo real: Bagdá, Londres e Nova Orleans	25
4. Os blogs e o mensalão	31
4.1 Blog do Noblat	34
4.2 O Globo aposta na ferramenta	37
4.3 Os paulistas entram no jogo	41
4.4 Os políticos blogados	43
4.5 Blogs do eu sozinho.....	46
5 Conclusão	49
Bibliografia	52
Anexos	55

1. Introdução: Como os blogs mudaram a cobertura política

Jornalista que ainda não tem blog precisa se preocupar. O aviso é do colunista Elio Gaspari, que diz não ter criado o seu por falta de tempo. Aos 61 anos, Gaspari não tem motivos para se preocupar. Escreve dois artigos por semana no *Globo* e na *Folha de S.Paulo* – os maiores jornais das duas maiores cidades brasileiras. Recém-chegado de uma temporada de seis meses como *scholar* em Harvard, trouxe na bagagem um discurso radical sobre as transformações da mídia. Está convencido de que o blog faz parte da maior revolução desde o tipo móvel de Gutenberg.

No Brasil, a revolução pode não ter chegado, mas os blogs já mudaram a velocidade com que a informação circula em Brasília e garantiram luz própria na cobertura política. Desde que o ex-deputado Roberto Jefferson interrompeu sua defesa no Conselho de Ética da Câmara para ler uma nota publicada poucos minutos antes no blog do jornalista Ricardo Noblat, em 14 de junho de 2005, ficou impossível se manter informado sem saber o que acontece nesse universo habitado por repórteres profissionais e amadores, militantes, políticos e palpiteiros de ocasião.

Ao longo da maior crise do governo Lula – que começou com uma denúncia de corrupção nos Correios, em maio de 2005, e se estende até a conclusão deste trabalho, em novembro – os blogs anteciparam inúmeras notícias e se tornaram leitura obrigatória e obsessiva nas redações brasileiras.

A ferramenta impôs novos padrões à cobertura política. Segundo o jornalista Nelson de Sá, que analisa os blogs diariamente na coluna “Toda Mídia”, da *Folha de S.Paulo*, essa transformação vai da linguagem – mais coloquial no blog do que no texto impresso – aos horários da cobertura, que ignora a escala das gráficas e comenta as notícias em tempo real.

“Os blogs mudaram completamente a cobertura de crises políticas – desde a linguagem, mais popular, até o regramento ético, cada vez menor. O próprio ritmo de cobertura mudou, com os picos de crise se manifestando a qualquer momento, até de madrugada”, disse, em entrevista ao autor em 25 de outubro de 2005.

Os blogs registraram os maiores picos de audiência enquanto testemunhas e acusados prestavam depoimento às três comissões parlamentares de inquérito instaladas no Congresso para apurar denúncias de corrupção. Enquanto emissoras de TV e rádio transmitiam as sessões ao vivo, com breves intervalos para comerciais e pouco espaço para comentários, os leitores correram para as colunas virtuais em busca de opinião qualificada e informações de bastidores. Chegava ao país o fenômeno do *live-blogging* – a cobertura da notícia em tempo

real, enquanto os fatos se sucedem. No dia do primeiro depoimento de Jefferson, a maratona levou Noblat a atualizar o blog 69 vezes.

O esforço do dia 14 revelou outra característica singular dos blogs: o autor é o dono da pauta. Enquanto os jornais digitais eram obrigados a dividir o espaço para a cobertura do depoimento com um noticiário que incluía julgamento de Michael Jackson, atentados no Iraque, Copa das Confederações, rebelião prisional e definição de taxa de juros, os blogueiros concentraram sua cobertura no depoimento de Jefferson, sem escrever uma linha sobre os demais assuntos.

Quando a crise começou, Ricardo Noblat estava afastado das empresas tradicionais de mídia e recebia salário do servidor iG, que hospedava o blog. Seu sucesso de público impulsionou os diários de quatro colunistas políticos no Globo Online (portal do jornal *O Globo*), que eram mantidos em ritmo lento de atualização. Com a ajuda de outros veículos das Organizações Globo, o blog de Jorge Bastos Moreno passou a concorrer com Noblat em visibilidade. Foi publicado no jornal impresso, recebeu constantes chamadas de capa no Globo Online e teve uma entrevista exclusiva com o ex-deputado Severino Cavalcanti, às vésperas de renunciar ao mandato e à presidência da Câmara, citada pela CBN e pelo *Jornal Nacional* da TV Globo.

A crise serviu para que o jornalismo brasileiro despertasse para uma ferramenta que, no exterior, já influenciava a opinião pública desde os últimos anos da década de 1990. As estatísticas de acesso dos blogs não deixam dúvidas sobre a mudança de patamar. Na segunda-feira 30 de maio, o blog de Moreno teve 199 visitantes únicos (unidade-padrão do controle de audiência na internet que registra uma visita por computador, mesmo que seu usuário acesse a página mais de uma vez no dia). Sete dias depois, quando Jefferson fez a primeira denúncia do mensalão em entrevista à *Folha*, a conta chegou a 6.307 acessos – um aumento de 3.100% em uma semana.

Correndo por fora, dezenas de blogs independentes arriscaram uma cobertura alternativa dos acontecimentos de Brasília. Poucos conseguiram popularidade e nenhum adquiriu status de fonte confiável de informação. As experiências mais bem-sucedidas foram de blogueiros que se diferenciaram pela crítica sarcástica, como o coletivo gaúcho *A Nova Corja*, ou pela perspectiva inusitada, como o *Vizinho do Jefferson*.

No exterior, os blogs entraram com força no noticiário em 1998, quando o boletim online Drudge Report – uma espécie de precursor dos blogs de informação política – revelou a existência de uma estagiária da Casa Branca chamada Monica Lewinsky. Denunciado por

um jornalista desconhecido, o escândalo sexual quase tirou o mandato do ex-presidente Bill Clinton, um dos mais populares da História americana.

Em outras ocasiões, os blogs se revelaram ferramentas preciosas para driblar obstáculos ao jornalismo e multiplicar as fontes de informação. Durante a Guerra do Iraque, enquanto enviados especiais de grandes emissoras de TV e jornais americanos enfrentavam censura e restrições logísticas impostas pelas tropas de coalizão, blogueiros usaram a internet para dar notícias que, sem eles, não teriam chegado ao conhecimento da opinião pública. O conflito potencializou o *jornalismo-cidadão*, praticado por repórteres amadores ou independentes. A novidade foi celebrada por teóricos da nova mídia como o fim do oligopólio das grandes empresas de comunicação.

Em “We the media” (“Nós, a mídia”), Dan Gillmor celebra a multiplicação dos blogs informativos e prega o slogan “Cada cidadão é um repórter”. Além dos endereços pessoais, o livro analisa portais de jornalismo *open-source* (de código aberto para edição dos leitores) como o OhmyNews, que edita cerca de 150 matérias por dia – de notícias quentes a análises políticas – enviadas por leitores de toda a Coreia do Sul. O site chegou a setembro de 2005 com audiência média de 2 milhões de *page views* (páginas abertas) diários e é considerado a experiência mais radical do *jornalismo-cidadão* em sua forma coletiva.

Em 1999, durante a cúpula da Organização Mundial do Comércio em Seattle, ativistas antiglobalização lançaram o portal Independent Media Center (IMC) para organizar a cobertura dos protestos. Temiam que a grande mídia não noticiasse as manifestações contra o sistema financeiro e a hegemonia americana. Seis anos depois, o IMC é a maior referência ocidental do jornalismo *open-source*. Viveu bons momentos durante os protestos em São Francisco contra a invasão do Iraque, mas não saiu da esfera dos movimentos sociais e tem influência mínima sobre a pauta dos grandes veículos de comunicação.

A falta de um filtro editorial centralizado, além da abertura do código a qualquer leitor interessado em relatar notícias, deixa espaços para suspeitas sobre a credibilidade e a precisão das informações publicadas no IMC. O portal Google News, que coleta e organiza notícias de milhares de fontes em ordem de urgência e importância, banuiu o endereço de suas páginas.

Embora defenda o Indymedia, Dan Gillmor admite que esse sistema de publicação de notícias deixa jornalistas desconfortáveis, em parte devido à ausência de supervisão editorial. “Muito do que o portal leva ao ar é consistente e, por vezes, quebra padrões do jornalismo convencional. Mas, como em toda reportagem engajada, o leitor é alertado para manter uma visão cética sobre o que é publicado”, afirma.

Diante dos problemas do *jornalismo-cidadão* coletivo, os blogs continuam ganhando espaço como veículos pessoais de informação. Sem o respaldo de redes ou movimentos sociais, os autores são obrigados a zelar pela própria credibilidade.

Para avaliar a participação dos blogs na cobertura da crise do mensalão, este trabalho vai relatar o desenvolvimento da ferramenta e a comparar o desempenho dos brasileiros à experiência internacional em grandes acontecimentos como os bombardeios de Bagdá, durante a invasão do Iraque em 2003; os atentados terroristas no metrô de Londres, em agosto de 2005; e a chegada do furacão Katrina, em setembro do mesmo ano.

Vamos verificar se os padrões de *jornalismo-cidadão* se repetiram por aqui, com a participação de repórteres amadores na cobertura da crise, e se houve a formação de redes de blogueiros por afinidades ideológicas ou áreas comuns de interesse. Outra tarefa é apurar de que forma as grandes empresas de mídia reagiram à popularização da ferramenta. Por fim, analisamos a entrada de políticos na blogosfera – onde alguns, como o prefeito carioca Cesar Maia, passaram a concorrer por notícias com veículos tradicionais.

No esforço de radiografar o momento, esta monografia aceita o risco de discorrer sobre um meio que vive em transformação permanente e estudar veículos que, em poucos meses, podem estar totalmente obsoletos. Em palestra no programa de treinamento do *Globo*, em 19 de setembro de 2005, Elio Gaspari previu o fim do jornal impresso em 30 anos: “Estamos assistindo a uma revolução tecnológica mais devastadora do que um tsunami. Os blogs já influenciam a cobertura política, dominam a cobertura de ecologia e têm uma característica fantástica: é você (jornalista) com o mundo. Mas só a futurologia pode dizer o que virá nos próximos anos”.

Segundo pesquisa Ibope/Netratings, a internet brasileira tinha apenas 11 anos e cerca de 11,5 milhões de usuários residenciais – dos quais 55% usam conexão rápida (de banda larga) – em agosto de 2005. Os blogs, objeto do estudo, mal começam a vencer resistências para se firmar como fontes de informação. O uso de som e imagens é incipiente. No exterior, a popularização de ferramentas como o *videoblog*, que veicula filmes caseiros, e o *podcasting*, que reproduz gravações sonoras, indicam que a tecnologia já prepara os novos capítulos dessa história.

2. De diário virtual a fonte de informação

Na definição de Rebecca Blood, autora do livro “The weblog handbook”, blogs são páginas da internet atualizadas com frequência cujos *posts* (textos publicados pelo autor) aparecem em ordem cronológica inversa – os mais novos sempre no topo. “É esse formato que determina se uma página é ou não um blog”, explica a pesquisadora, em artigo para a revista científica *Nieman Reports*.¹ A “geografia” de um blog tem cinco itens básicos:

I. Cabeçalho

II. Perfil do autor

III. Post (*texto*) com assinatura, data e horário

IV. Caixa de comentários

V. Links e arquivo

Outra característica do blog, apontada por Blood como vantagem sobre o meio impresso, é a presença de hipertexto (trechos grifados que indicam fontes exteriores ao site).

O hipertexto permite aos autores resumir e contextualizar histórias complexas com links para diversas fontes primárias de informação. Mais importante: o link fornece uma transparência impossível no papel. O link permite ao blogueiro citar diretamente qualquer fonte online, facultando ao leitor julgar se o trecho foi reproduzido com precisão ou mesmo entendido corretamente.²

Não há marco zero na história dos blogs. Sua origem está nas listas de discussão online, que começaram a ganhar popularidade nos primeiros anos da internet comercial, no início da década de 1990. Além das páginas pessoais, onde os autores publicavam dados sobre sua vida e eventualmente abriam uma seção de notas e links para notícias publicadas na rede.

Segundo a edição de dezembro de 1999 da revista de tecnologia *Wired*, o termo “weblog” foi criado em 1997 pelo internauta John Barger, como contração das palavras *web*

¹ BLOOD, Rebecca. *Weblogs and journalism: do they connect?* Harvard: Nieman Reports, Fall 2003.

² Idem.

(rede) e *log* (diário de bordo).³ Dois anos depois, a palavra foi reduzida para a forma atual, adotada pelo dicionário Oxford da língua inglesa em 2003.⁴

O número de blogs começou a se multiplicar com rapidez em 1999, quando a ferramenta ainda contava algumas dezenas de adeptos no mundo. Na edição de setembro/outubro de 2003 da *Columbia Journalism Review*, o pesquisador Mallory Jansen atribui a explosão às ferramentas gratuitas que facilitaram a publicação online.

*Alguns pioneiros dos blogs, num esforço para facilitar seu próprio trabalho, construíram ferramentas que permitiam a todos, independente do seu conhecimento de internet, criar e manter um blog. Tudo o que se precisa é de um nome, uma senha e um endereço de email. A ferramenta mais popular desse grupo é o Blogger.com, lançado em agosto de 1999 por Evan Williams, Paul Bausch, e Meg Hourihan, que rapidamente se transformou a maior e mais conhecida do gênero.*⁵

Em 24 de outubro de 2005, o Technorati, portal de busca especializado em blogs, atingiu a marca de 20 milhões de endereços registrados. O blog jubilar foi o *Les CE2/CM2 Anquetil*, criado numa escola primária em Reims, no interior da província francesa de Champagne, para noticiar uma corrida de revezamento de 3,2km. O recordista de nº 10 milhões tinha sido aberto na China em 14 de maio – apenas cinco meses antes. Chama-se 飞啊,飞啊,飞 - 博客.CN⁶ e trata de esculturas em vidro.

Os números, como a diversidade de assuntos abordados pelos blogs, não param de crescer. Segundo Dave Sifry, do Technorati, cerca de 70 mil blogs eram criados diariamente em outubro de 2005 – uma média de um por segundo. Em três anos, a *blogosfera* (termo usado para se referir ao universo dos blogs) multiplicou-se por 30, sem sinais de diminuição de ritmo (v. ANEXO 1). Todos os dias, os blogueiros escreviam um número entre 700 mil e 1,3 milhão de posts – o equivalente a 33 mil por hora ou 9,2 por segundo.⁷ O movimento cresce em dias de grandes acontecimentos, como os atentados terroristas no metrô de Londres e a chegada do furacão Katrina a Nova Orleans (v. ANEXO 2).

³ Citado em DA ROSA, DE QUADROS e VIEIRA. *Blogs e as transformações do jornalismo*. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, ago. 2005.

⁴ USA TODAY. 'Blog', 'defrag', 'digicam' join *Oxford Dictionary of English*.

Em http://www.usatoday.com/tech/news/2003-08-21-new-words_x.htm

⁵ JENSEN, Mallory. *A Brief History of Weblogs*. *Columbia Journalism Review*, set./out. 2003

⁶ Em <http://student.mblogger.cn/monique> (versões em inglês e mandarim)

⁷ Em <http://www.technorati.com/weblog/2005/10/53.html>

A associação entre momentos de crise e volume de acessos aponta uma transformação no uso da ferramenta: criados como meros diários virtuais em que adolescentes narravam o cotidiano, se exibiam e buscavam leitores de interesses comuns, os blogs se tornaram referência de informação instantânea e interpretação rápida dos fatos. O processo foi acelerado pela popularização dos fotologs, mistura de blog e álbum de fotos, e pelo surgimento de redes de relacionamento virtual como o Orkut⁸.

Apesar da explosão do número de blogs, poucos conseguem manter um fluxo considerável de visitas. “O número de blogs que realmente importam é pequeno. Os demais são como árvores no meio da floresta”, analisa Jim Lanzone, vice-presidente do site de buscas AskJeeves, em reportagem da agência Reuters publicada pela *Folha de S. Paulo*.⁹ Segundo Lanzone, apenas 60 blogs podem ser considerados populares, com mais de 5 mil links. Os sites que atraem mil ou mais links são apenas 437.

⁸ Rede de relacionamento virtual criada em janeiro de 2004 e dominada em alguns meses pelos internautas brasileiros, que já eram maioria no maior servidor gratuito de *fotologs* e no comunicador instantâneo MSN. Nos três serviços, a maior parte do público é composta por adolescentes.

⁹ *Folha de S. Paulo* (s/a). “Blogs populares são poucos, diz estudo”, 19 out. 2005.

2.1 A língua dos blogueiros

A história do crescimento dos blogs não pode ser entendida sem referências à decadência do jornal impresso, acelerada desde a metade da década de 1990 com a popularização da internet. O meio digital talvez não seja capaz de extinguir a notícia em papel, mas já provocou estrago suficiente para exigir uma revisão – sem trocadilho – do papel do jornal diário. No Brasil, a queda dramática na circulação dos grandes veículos acionou o alerta vermelho nas redações: ou os jornais mudam, ou serão engolidos pela nova mídia.

Entre março de 2001 e março de 2002, os 15 maiores jornais brasileiros, responsáveis por 74% do volume total de exemplares vendidos no país, diminuíram sua circulação em 12%. Deixaram de vender exatos 346.376 exemplares. É como se uma edição inteira da Folha de S.Paulo tivesse deixado de circular.¹⁰

Segundo Rosental Calmon Alves, diretor do Knight Center for Journalism in the Américas e professor da Universidade do Texas, o noticiário online rompeu o paradigma do jornal como um produto estático, entregue a cada 24 horas como um pacote suficiente para manter o leitor bem-informado até o dia seguinte. Para o idealizador do JB Online – primeiro jornal brasileiro na internet, lançado em 1995 – a rede impõe a migração da notícia para um meio “convergente, multimídia e orientado para atuar como serviço contínuo e interativo”. Nessa lógica, a informação deve ser adaptada para oferta em telefones celulares, internet e outras plataformas digitais a qualquer hora e em qualquer lugar¹¹.

O novo fluxo da notícia radicalizou-se com o blog, que reproduz a dinâmica do jornalismo online em escala pessoal. Sob a pressão do tempo real, os *posts* se sucedem em velocidade que, por vezes, resulta em registros sem conclusão, dispersos, com validade temporal limitada. Enquanto o jornalismo tradicional se ocupava em organizar informações e hierarquizá-las com o objetivo de destacar o principal e apresentar um relato coerente, o blog publica notícias curtas, em formato de notas, com a preocupação de radiografar o instante. Para Daniela Ramos, professora de novas tecnologias da Faculdade Cásper Líbero, trata-se da “expressão mais visível do que temos visto nos últimos anos como um exemplo da escrita fragmentária e inacabada”.

¹⁰ NOBLAT, Ricardo. “A arte de fazer um jornal diário”, 2002.

¹¹ ALVES, Rosental Calmon. “Jornais em transição”. Conferência no Colóquio Brasil–Estados Unidos de Ciências da Comunicação. Rio, 5 set. 2005.

O texto neste suporte está sempre em processo e chega ao extremo de proporcionar que cada pessoa seja uma mídia em potencial, já que basta preencher um cadastro e publicar um blog na internet¹².

Como o tempo do internauta é ainda mais curto do que o do leitor de jornal, a concisão do *post* influi diretamente em sua possibilidade de ser lido e comentado. “Não adianta escrever demais. O post longo contraria a linguagem dos blogs”, ensinou Rosental Calmon Alves em seminário no 1º Congresso Internacional de Jornalismo Investigativo.¹³ Presente à discussão, Noblat admitiu que precisa diminuir o tamanho de suas notas. “É herança do jornal”, justificou o jornalista, que substituiu o colunista Carlos Castello Branco por um ano e meio na coluna Coisas da Política do *Jornal do Brasil*.

Se a velocidade pressiona o estilo do texto, a falta de regras permite uma escrita menos rígida, livre para alternar padrões narrativas e misturar notícia e opinião. Para Noblat, o meio eletrônico representa uma fuga à camisa-de-força do texto jornalístico tradicional.

Um blog permite a união dos vários gêneros que na imprensa são apresentados separadamente: informação, análise, opinião. No jornal, cada coisa tem seu espaço. É como se fosse impossível servi-las juntas.¹⁴

Apesar das diferenças, os jornais brasileiros já fizeram as primeiras tentativas de reproduzir blogs no papel. Em 12 de agosto de 2005, a editoria O País do *Globo* publicou os melhores momentos do Blog do Moreno no dia anterior, quando o colunista fez *live-blogging* do depoimento do publicitário Duda Mendonça à CPI dos Correios. Em 13 de novembro, *O Estado de S.Paulo* inaugurou uma coluna de meia página com notas do Blog do Noblat. Segundo a editora de conteúdo do Globo Online, Raquel Almeida, a publicação de blogs em papel tropeça na diferença entre as linguagens: “São coisas diferentes. É um equívoco carregar a linguagem do blog para o jornal”.¹⁵

Os blogs também trouxeram novos conflitos éticos ao jornalismo – e, como consequência, exigem novas formas de lidar com eles. Uma das novidades é a correção instantânea de erros, induzida pela vigilância de leitores que, com a caixa de comentários, têm

¹² RAMOS, Daniela. “Blogs são diários adolescentes, mas podem ser Jornalismo”, 28 fev. 2005. Em http://www.facasper.com.br/jo/artigos.php?tb_jo=&id_noticias=307

¹³ Promovido pela Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji) na PUC-Rio entre 27 e 29 out. 2005.

¹⁴ Entrevista a Ricardo Villela. *Playboy*, out. 2005.

¹⁵ Depoimento ao autor em 15 out. 2005

mais facilidade para questionar informações publicadas do que num veículo tradicional. Nos últimos meses, os blogueiros popularizaram uma solução inusitada: o risco sobre palavras. Sem apagar a informação anterior, o recurso acusa o erro e permite a correção no mesmo *post*, evitando a impressão de que o blogueiro foi pego de surpresa e modificou o texto na surdina, sem avisar o leitor.

Um bom exemplo é a nota publicada por Jane Perrone no blog do jornal inglês *The Guardian* sobre um dos temas deste trabalho, o desempenho do *jornalismo-cidadão* na cobertura dos atentados de Londres¹⁶. Na primeira linha do texto, publicado às 7h15 do dia 22 de julho de 2005, a pesquisadora citava a decepção do acadêmico *americano* Vincent Maher com os blogueiros britânicos. Ao meio-dia do dia 23, Maher deixou um comentário com a correção: não é americano, mas sul-africano. A autora usou o risco para corrigir a informação¹⁷.

O recurso aponta outra característica da blogosfera: o acordo tácito de que os erros nunca devem ser escondidos. Diferente do que acontece em veículos tradicionais, que têm resistência histórica a erratas e seções diárias de correção. Os blogueiros não agem por purismo ou por uma ética mais apurada no meio eletrônico. Sabem que uma acusação de fraude, na caixa de comentários, pode ser muito mais nociva à credibilidade do que uma admissão pública de que a apuração foi deficiente.

¹⁶ PERRONE, Jane. "Citizen journalism still in its infancy". *Guardian Blog*, 22 jul. 2005
Em http://blogs.guardian.co.uk/news/archives/2005/07/22/citizen_journalism_still_in_its_infancy.html

¹⁷ O início do *post* corrigido: "~~US~~ South African academic Vincent Maher is disappointed that more citizen journalism didn't spring from yesterday's explosions in London".

2.2 Contato direto com o leitor

A forma mais comum de participação do leitor no blog é a caixa de comentários. Acessada por meio de um link ao fim de cada texto do autor, ela funciona como um termômetro das opiniões dos visitantes. Muitas vezes, a discussão no espaço de comentários toma um rumo diferente do texto original do blogueiro.

A jornalista Cora Rónai, editora do caderno Informática Etc. do *Globo*, compara as discussões nas caixas de comentários à tradicional conversa de bar, que reúne gente diferente com interesses parecidos – seja futebol, mulher ou política. No botequim virtual, observa Cora, “é normal que, em momentos de crise, todos corram para discutir uns com os outros o que está acontecendo”.

A dinâmica das áreas de comentários é curiosa: como em qualquer botequim de esquina, as pessoas vão se conhecendo aos poucos e percebendo, no bate-papo contínuo, o seu próprio potencial de comunicação. Muita gente chega tímida e fica calada por meses a fio; outros erram o tom, quebram garrafas e acabam expulsos da comunidade.

Não raro, os melhores comentaristas partem para carreiras solo, abrindo seus próprios “botequins” – blogs que já nascem com uma pequena audiência cativa, e que crescem ou desaparecem de acordo com a persistência e a pauta do autor. A internet é uma rede de conversas, um mar de vozes, onde só fica sozinho quem quer. Neste burburinho incessante, o importante é não deixar a peteca cair¹⁸.

No blog *Código Aberto*, hospedado pelo site de crítica da mídia Observatório da Imprensa, o professor e jornalista Carlos Castilho observou que os comentários publicados pelos leitores de Ricardo Noblat e Jorge Bastos Moreno em 14 de junho, durante a cobertura do depoimento de Roberto Jefferson à Comissão de Ética da Câmara, foram além da decepção generalizada com a política e a atividade parlamentar. Com opiniões contundentes, os leitores conseguiram gerar novas discussões e despejaram as primeiras piadas da crise. Atento às manifestações da audiência, Noblat encerrou o dia reproduzindo o comentário de um leitor que, identificado como “Povo Brasileiro”, informou ter mandado um email à agência de publicidade do empresário Marcos Valério Fernandes de Souza, acusado por Jefferson de ser

¹⁸ RÓNAI, Cora. *O triunfo dos blogs*. O Globo, 16 jun. 2005

o operador do mensalão. Declarando-se amigo do então tesoureiro do PT, Delúbio Soares, ele pedia ajuda de R\$ 30 mil para tratar de uma unha encravada.

A manifestação livre dos leitores foi celebrada como um fato inédito na cobertura de crises políticas no Brasil. “Tradicionalmente, a opinião dos cidadãos comuns era limitada aos burocráticos *povo fala* da televisão e da rádio”, observou, no dia seguinte ao depoimento, o jornalista e professor Carlos Castilho.¹⁹

Além de publicar notícias e opiniões de pessoas que não tinham espaço no noticiário, os blogs criaram uma rede de fiscalização online e em tempo real do jornalismo feito pela grande mídia. Na avaliação de Jacob Weisberg, editor da revista *Slate*, a ferramenta interrompe um processo em que a concentração das empresas de mídia ameaçava a independência e a pluralidade de vozes.

*Em outro nível, a capacidade de leitores de responder à grande imprensa está aumentando os padrões de precisão, cuidado e profissionalismo. Você já não pode ser preguiçoso ou descuidado porque muitos auto-intitulados patrulheiros estão tentando pegá-lo atravessando o sinal fechado*²⁰.

Em setembro de 2004, a patrulha dos blogueiros derrubou um dos jornalistas de maior credibilidade da imprensa americana. Uma reportagem veiculada no programa *60 Minutes*, apresentado por Dan Rather, provocou uma onda de desmentidos online e resultou na aposentadoria precoce do lendário âncora – que se tornou uma das vozes mais conhecidas do país ao noticiar, em Dallas, o assassinato do presidente John F. Kennedy em 1961.

Enquanto o programa era transmitido, blogueiros questionaram a autenticidade de documentos que provariam que o presidente George W. Bush, então tenente da reserva da Guarda Nacional, conseguiu escapar da Guerra do Vietnã graças à influência da família. A reportagem foi ao ar semanas antes da eleição em que Bush conquistaria novo mandato de quatro anos na Casa Branca.

Surpreendida pelos desmentidos, a emissora reagiu com truculência, desqualificando os críticos como “jornalistas de pijamas”. Depois foi obrigada a admitir o erro, no que ficou conhecido como Rathergate – alusão ao escândalo do Watergate, denunciado na década de 70

¹⁹ CASTILHO, Carlos. “Blogs políticos ganham espaço na crise do mensalão”. Código aberto, 16 jun. 2005. Em http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/blogs/blogs.asp?ID={4D309986-8742-41E0-8E42-E43C5C23CBF5}&id_blog=2

²⁰ WEISBERG, Jacob. *Jornalista é quem quer ser jornalista*. O Globo, 13 mar. 2005

pelo *Washington Post*. Para o pesquisador Carlos Castilho, o caso é um marco na nova relação de forças imposta pelos blogs.

Pela primeira vez desde o surgimento da internet, os produtores independentes de informações, mais conhecidos como blogueiros, ou donos de weblogs, conseguem nocautear um dos gigantes da mídia americana no terreno onde ela sempre se proclamou imbatível: na confiabilidade do seu jornalismo.²¹

Assim como os blogs representam fiscalização em tempo real para jornalistas acostumados ao filtro da seção de cartas, também oferecem riscos para os autores, que têm o trabalho vigiado de perto pelos comentaristas mais assíduos. Em artigo para o Observatório da Imprensa, Ricardo Noblat lembra que a responsabilidade sobre as informações publicadas no blog é pessoal e intransferível.

Todo jornalista deveria ter um blog. A experiência de ser responsável por um ensina mais do que muitos anos de redação. Ensina, por exemplo, a ser mais rigoroso na apuração de notícias. O erro cometido no jornal ou na revista tem muitos pais. No blog, ele é só seu. Na dá para pôr a culpa no repórter, no editor que mudou o que você escreveu ou no diagramador que por descuido baixou a penúltima versão de sua matéria. Ensina a ser mais humilde. O leitor do blog não quer nem saber: baixa o pau no que você escreve. E as críticas dele, procedentes ou não, ficam registradas. Eu, pelo menos, não as elimino. Se o fizer, estarei na contramão do espírito democrático da internet. E elas aparecerão novamente. Não tem jeito.²²

A convivência entre blogueiro e leitores não é sempre pacífica. Muitos aproveitam a falta de controle sobre a caixa de comentários para publicar ofensas contra políticos, publicar notícias falsas ou simplesmente xingar o autor dos *posts*. Em 12 de outubro, Noblat reproduziu um artigo do site Webinsider com a advertência de que comentários de leitores, mesmo anônimos, podem motivar processos por calúnia, injúria e difamação contra o autor do

²¹ CASTILHO, Carlos. *A vitória dos “jornalistas de pijamas”*. Observatório da Imprensa, 21 set. 2004

²² NOBLAT, Ricardo. *O que um blog pode ensinar*. Observatório da Imprensa, 1º fev. 2005.

blog. Por isso, “há vários casos de blogueiros que se sentiram coagidos a apagar comentários ou tirar o blog do ar”, avisou.²³

O concorrente Jorge Bastos Moreno foi mais explícito. Por diversas vezes, desafiou leitores a saírem do anonimato e informou ter censurado comentários que considerou ofensivos. Em contrapartida, foi acusado de não aceitar críticas. No dia 29 de setembro, contrariado por comentários que consideraram “lacônico” seu registro da eleição de Aldo Rebelo para a presidência da Câmara, escreveu *post* com o título “Vão baixar em outra freguesia”. Chamou leitores de “mal informados, mal resolvidos” e disse detestar “a burrice e a mediocridade, o pensamento estreito”. Horas depois, reagiu a ofensas de um leitor identificado como *kayser souver* e, julgando-se ameaçado de morte²⁴, ameaçou encerrar as atividades do blog.

Agressões verbais já são intoleráveis, imaginem ameaça de morte! Mesmo se escondendo no covarde anonimato. Não que eu esteja com medo do psicopata abaixo, mas estou me perguntando: vale a pena eu continuar com um blog diante da intolerância? O que ganho com isso? Eu me esforço para manter um blog, sem receber remuneração alguma (não estou me queixando, viu Globo On Line?) por isso. Pensei que minhas informações e opiniões fossem promover debates interessantes. Dizem que não aceito críticas. É só vê-las postadas no blog, todas. Podem me chamar de tudo o que quiserem, se é que resta ainda algum adjetivo que não tenha sido usado contra mim, mas meu estômago tem limite. Estou sinceramente propenso a acabar com este blog e me dedicar exclusivamente ao meu trabalho no jornal impresso. Repito, não estou com medo do psicopata, estou é saturado. É muita intolerância.

Colega de Moreno no Globo Online, a jornalista Tereza Cruvinel, que assina a coluna diária Panorama Político no *Globo*, também se irritou com críticas e escreveu, em 21 de setembro, que pensava em transferir o enfoque do blog de política para literatura. Helena Chagas, diretora da sucursal de Brasília, reclamou da radicalização dos leitores e lembrou, em 15 de setembro, que “um pouco de serenidade e suco de maracujá não faz mal a ninguém”.

²³ Em <http://noblat1.estadao.com.br/noblat/index.html#post11833>

²⁴ O comentário do leitor: “Seu bocó, analfabeto político, fantoche da direita, Babá da burguesia, tu achas que vai durar muito, pois bem, seus dias estão contados”.

A censura aos comentários é um assunto polêmico e mostra que os blogs, afinal, não são um meio tão democrático – ou que obedecem a algumas regras impostas pelos autores. Noblat escreveu que “o blog é um espaço de notícias, análises e debate. Quem quiser pode escrever ali qualquer coisa menos ofensas pessoais e palavrões”.²⁵ O colunista garante que não faz censura prévia, mas mantém uma estagiária dedicada quase exclusivamente a apagar comentários considerados ofensivos. No Globo Online, os blogueiros avaliam cada texto dos leitores antes de autorizar a publicação. Segundo a editora de conteúdo, Raquel Almeida, a cautela se deve à associação entre o blog e a empresa de comunicação, apesar de os *posts* serem de responsabilidade exclusiva dos colunistas. Para ela, no entanto, os blogueiros precisam saber lidar com ofensas. “A função do blog tem que provocar, tirar os leitores da inércia, e quem está no ar precisa dar a cara a tapa. Faz parte do jogo”, diz.²⁶

²⁵ NOBLAT, Ricardo. *O que um blog pode ensinar*. Observatório da Imprensa, 1º fev. 2005.

²⁶ Depoimento ao autor em 25 out. 2005.

2.3 Isso é jornalismo?

Em setembro de 2005, a organização não-governamental Repórteres sem Fronteiras, que denuncia ameaças à liberdade de imprensa em todo o mundo, editou um manual com título sugestivo: *Guia de bolso para blogueiros e ciberdissidentes*. O texto, publicado na internet em cinco idiomas (inglês, francês, mandarim, árabe e persa), ensina a criar um blog, divulgar seu endereço e preservar o anonimato na rede.

Para Julien Pain, responsável pelo departamento de internet da ONG, a ferramenta é uma aliada poderosa da liberdade de expressão. Na introdução do manual, ele prega o uso dos blogs como a melhor forma de driblar a censura de regimes autoritários.

*Muitas vezes, os blogueiros são os únicos jornalistas de verdade em países onde a grande mídia está censurada ou sob pressão. Só eles fornecem notícias independentes, sob o risco de desagradar o governo e até acabar na cadeia. Vários blogueiros foram caçados ou presos. Um dos colaboradores deste manual, Arash Sigarchi, foi condenado a 14 anos de prisão por postar diversas mensagens em que criticava o governo iraniano. Sua história mostra como os alguns blogueiros vêem sua atividade não apenas como um hobby, mas como dever e necessidade. Eles sentem que são os olhos e ouvidos de milhares de outros internautas*²⁷.

Mas os blogs podem ser considerados uma nova forma de jornalismo? Em 2003, a revista *Nieman Reports*, editada pela Universidade de Harvard, reuniu blogueiros, pesquisadores e jornalistas para discutir o assunto. Não houve consenso. Entusiastas da nova mídia defenderam a ferramenta como antídoto para a estagnação dos jornais. Disseram que a liberdade do meio injetou ousadia nas coberturas e pôs em xeque a falsa imparcialidade pregada pela imprensa. Céticos acusaram os blogueiros, em sua maioria, de escrever sobre informações apuradas por terceiros; por isso, não poderiam ser chamados de jornalistas. O colunista de tecnologia Paul Andrews admitiu não saber a resposta, mas ponderou que, quando um blog assinado com pseudônimo ganha mais credibilidade do que empresas tradicionais numa cobertura de guerra, é preciso rever os conceitos da grande mídia.²⁸

²⁷ PAIN, Julien. *Bloggers, the new heralds of free expression*. In Handbook for bloggers and cyberdissidents. Reporters without borders, set. 2005

²⁸ ANDREWS, Paul. *Is blogging journalism?* In Harvard: Nieman Reports, Fall 2003. O jornalista tratava do blog *Where's Raed?*, de Salam Pax, abordado no capítulo 2.4.

